

PRO VIMARANE

QUINZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAES

ADMINISTRADOR :

AURELIO B. MARTINS

DIRECTOR :

J. SILVA

SECRETARIO DA REDACÇÃO :

JOÃO S. S. RIBEIRO

Redacção e administração :

Rua Elias Garcia, 72—GUIMARÃES

Propriedade da Empreza "PRO VIMARANE"

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA LUZITANA
Rua Gravador, Molartinho, 45
Guimarães

... Teu Progresso?! ...

Habitados, como estamos, a vêr que ás palavras antigas corresponde, agora, um novo significado, não sabemos ao certo se a palavra Progresso significa, como outróra, alguma coisa de grande, se, pelo contrario, alguma coisa de deprimente, de horroroso, de catastrophe.

Sim, porque, realmente, nós temos assistido a factos nesta bôa terra portuguesa que nos tem levado a crer que a palavra Progresso já fez o seu tempo no que respeita a grandiosidade. Agora, Progresso é toda a coisa que nos deprime, que nos rebaixe aos olhos do nosso semelhante.

Nesta circumstancia, e dado o facto acima apontado, devemos todós concordar que, em bôa verdade, Guimarães caminha na vanguarda do Progresso e todas as outras terras que ainda pensam em realizar as suas festas tradicionais, que se teem sabido impor para que sejam dotadas de imprescindiveis melhoramentos, não passam de retrogradadas, anti-civilisadas.

A civilisação, o Progresso, só nesta linda terra de Guimarães se encontra.

Se cresce a erva nas ruas como nos mais pacatos e sertanejos lameiros, se as ruas estão intransitaveis como os caminhos das mais reconditas aldeias, se o garotio enchameia os largos e jardins — quais pragas de gafanhotos — provocando tudo e todos, momento a momento, hora a hora, tudo isto prova como é grande a nossa civilisação, como Guimarães caminha na vanguarda do Progresso — á moda nova já se vê.

Teu Progresso e Tua Vida!!!..

A tua vida oh Guimarães! A tua vida oh terra de Afonso Henriques, de Gil Vicente e de tantos outros homens illustres!

Poderá haver sarcasmo maior? Quem te viu e quem te vê, oh terra de Guimarães, minha terra natal!

Teu progresso e tua vida! Não se realisam as Gualterianas, porque só contribuem para fazer esquecer teu nome e redundam em desprestígio para a nossa terra... E ainda as outras terras do país: Braga, Santo Tirso e tantas outras, teem o despelante de reclamar as suas festas. Para que? Para que são precisas as festas? Guima-

MEDIEVAL

ENTRE as ameias do castelo idoso,
Como um alcacer de encantadas moiras,
A castelã gentil de tranças loiras
Sonha no loiro cavaleiro esposo.

Cái a penumbra. Ao longe, mansamente,
Nas elevadas grimpas da montanha,
Morrem, sentindo uma agonia extranha,
Os ultimos fulgores do sol-poente...

Cantam as fontes o frescor do linho;
E no horisonte, poalhado e loiro,
A luz crepuscular se vai sumindo;

Mas o luar, tombando levesinho,
Poz-se a brincar com as trancinhas d'oiro
Da castelã que adormeceu sorrindo!

INÉDITO.

J. RODRIGUES GRANDE.

Vila Real, 2 | 6 | 1922.

rães não precisa de festas, Guimarães despresa essas ninharias.

Teu Progresso e tua Vida! e levantam-se as maiores dificuldades á boa marcha e desenvolvimento do Orfeon. Guimarães não precisa de Orfeon. Quem quizer cantar, canta em sua casa a *caninha verde* e a *Maria cachucha*, regada com alguns decilitros do *verdial* e pasteis de bacalhau á mistura... *para tapar*. Para que tem servido o Orfeon? Guimarães não precisa de quem cante, de quem vá dizer ás outras terras, num cantico harmonioso e suave que nos extasia, que em Guimarães trabalha-se, que os seus filhos — quais tropeiros do amôr — se esforçam por levantar bem alto o seu bom nome — que é *toda a nossa aspiração*.

Teu Progresso e tua Vida: e todos muito comodamente se conservam alheios ao desenvolvimento que as outras terras vão tomando, sem se importarem com coisa alguma, continuando inertes, deixando-se invadir pela terrível inercia que tudo destroi e tudo mata.

Teu Progresso e tua vida: poderá haver sarcasmo, maior oh terra de Guimarães, minha terra natal?

VILAFLOR.

MINIATURAS

CARTAS DE AMOR

QUEM ha que na sua vida não tenha recebido ou enviado uma carta de amor? Por certo que ninguém.

A carta de amor é um costume sédiço. Atravessou tempos, novos costumes, novas civilizações, e continuou sempre a ser o que, invariavelmente, ainda é hoje e será sempre: um amontoado de palavras piegas em que se jura amor até á eternidade, ou uma explosão de ciúmes ou de amargosas queixas, acompanhada da classica chamada pela Parca impiedosa.

Cartas de amor... Também eu as conservo guardadas. Nas noites de mais cruel insomnia, desato a fita cõr de rosa que as prende, e ponho-me anciosamente a lê-las.

As infantilidades que se escreveram! Os sonhos que architectavamos para o futuro! As phantasias loucas que a nossa inexperiencia imaginava!

E é sempre, sempre, alanceado por dois sentimentos poderosos que dou por terminada a leitura d'essas tristes, d'essas amarellecidas cartas de amor: um sentimento, é de piedade pelo tempo que desperdicei inutilmente a construir chymeras, de que só restam cinzas...; o outro sentimento, é de saudade pelo Passado que morreu para sempre, arrastando consigo triumphos, loucuras, e esperanças vãs...

RUY DE LANCASTRE.

Guimarães, 1922.

RETHLHOS...

Pro Vimarane

Prometemos em o primeiro numero voltar ao momentoso assumpto — que para nós vimaranenses é já uma questão de honra — da Estação Telegrafo Postal.

Perguntavamos, no citado numero aos Srs. Parlamentares eleitos por este circulo, á Associação Commercial e á Camara o que haviam feito, tendo nós obtido acidentalmente uma resposta duma unica entidade referida.

Foi o Sr. Mariano Felgueiras, Deputado por este circulo, que o acaso permitiu que chegasse á fala com um nosso colega de redacção que agora se encontra em viagem e a quem o Sr. Mariano Felgueiras comunicou que já tinha conseguido verba para o projecto, e que se tornava necessario, conseguir que se retirasse anualmente da verba orçamental destinada a edificios, quantias varias para satisfazer uma das mais justas e improtelaveis aspirações da nossa terra.

Não pomos em duvida — Deus nos livre — da força de vontade que anima o Sr. Mariano, mas com franqueza — porque não sabemos calar aquilo que sentimos — é muito pouco.

Foi-nos dada pelo governo, por intermedio do Sr. Felgueiras verba sufficiente para a confecção dum projecto que temos quasi a certeza, vae emparceirar ao lado dos mil e um projectos com que tem sido iludida esta santa e encantadora terra.

Agradecemos profundamente e honramo-nos até com as explicações do Ex.^{mo} Sr. Mariano Felgueiras mas permita-nos e desculpe-nos S. Ex.^a estas perguntas:

Não seria mil vezes preferivel mandar elaborar o projecto depois de haver dinheiro para construir o almejado edificio?

E não seria muito mais racional que se mandasse fazer a planta na medida dos recursos que houvesse?

Quer-nos parecer apesar da nossa completa ignorancia em assumptos da alta politica partidaria, que era bem melhor ter seguido este criterio.

Mas Ex.^{mo} Sr. Mariano Felgueiras não julgue V. Ex.^a, que vae nestas palavras a menor insinuação, é unicamente uma opinião de quem ama sobremaneira a sua terra.

Guimarães, é hoje incontestavelmente uma das primeiras cidades do Paiz, quer industrial, quer commercialmente; V. Ex.^a sabe-o perfeitamente, S. Ex.^a o Sr. Presidente de Ministerio, se não estamos em erro conhece de visu a nossa — só por escarneo se lhe pode chamar — Estação Telegrafo-Postal.

O numero de encomendas postaes ali depositadas — podemos quasi que affirmá-lo — é o maior do Paiz exce-tuando Lisboa e Porto.

Pois uma estação desta categoria, está instalada numa autentica procilga acanhadissima, quer no recinto destinado ao serviço do pessoal que muitas vezes é forçado a fazer das encomendas *capacho* quer no espaço destinado ao publico que com seis pessoas fica completamente cheio.

Guimarães tem tambem o direito de progredir, é insufismavelmente necessario que quem pode olhar com mais carinho para esta terra o faça

Nós desta modestissima tribuna, seremos qual sentinela vigilante a bradar alerta á primeira voz honrando sempre a nossa bandeira — **Pro Vimarane** e só por Guimarães.

SERGIO VIDAL.

PAIO PIRES

Sim, senhor: perfeitamente de acôrdo: uma aldeia de Paio Pires, uma aldeola vulgar, como dizia alguém no «Comércio de Guimarães», ha dias, num colloquio a propósito da inefficácia da campanha contra o sanatório da Penha, dessa soberba Penha, que nunca ha de passar da cêpa torta, pela simples razão de estar sobranceira cá ao nobre burgo, onde abunda a *massa*.

Campanhas contra o correio espelunca, contra a fossa-cloaca, contra os teatros-barracões, contra os hoteis manhosos, contra as obras inestéticas, foi um ar que lhes deu.

Campanhas a favor de telefones, de electricos, de bairros operários, de melhoramentos como o que requer o castelo á sua volta, de nada valem. Diz bem: Nada!

E' caso para se dizer antes: «O' Guimarães, teu retrocesso, tua morte...» parodiando no hino das lendárias gualterianas.

Isto tudo vem a propósito do nosso orfeon, que alguns dos seus boas elementos persistem em sistemáticamente abandonar, para mais uma vez se confirmar a má sina das coisas da nossa terra.

Mas quem os ouvir falar em bairrismo, em amor pátrio, não os leva presos.

Ponham os olhos no orfeon poveiro. E' a nossa vergonha!

Vejam como meia duzia de rapazes fizeram um figurão em Lisboa e Evora, sendo recebidos na sua terra com sessões solenes na Câmara e Bombeiros.

E lembrar-se a gente que o nosso orfeon podia ter ido, como esteve já, não só a Lisboa como a Paris, ao Cairo, á Nazareth, ao Egito...

Decididamente Guimarães deu o que tinha a dar. Gente que adormece nos louros da luz e água, — a única coisa boa que tem; terra que fica quasi indifferente perante a apoteose feita aos heróis do maior feito contemporâneo dos portuguezes, tem o seu lugar marcado ao lado da Citânia e de Sabrôso. E é tolo quem não deixa mas é correr o marfim.

CAPITÃO PINA.

Estudos literários

Sá de Miranda

(Conclusão)

Durante a sua estada em Navagero, encontrando-se com Boscan, trouxe-lhe á observação os caracteres particulares do metro endecassilabo italiano, recomendando-o para a poesia castelhana. Apesar de Castillejos ter protestado contra o emprego da nova metrificacão, esta obteve um grande exito, e divulgada a nova escola em Espanha, a redondilha foi posta de parte e Sá de Miranda considerado o primeiro humanista ibérico. Regressado á sua Pátria, Francisco de Sá foi recebido na côrte de D. João III, em 1526, e observando o rudismo da linguagem empregada pelos seus contemporâneos, reagiu, e inicia o lirismo, essa poesia de amôr que, no dizer do sr. dr. Teófilo Braga, «fascinou, lavrou, acordou na alma humana o infinito do sentimento».

Mais tarde, abandonando a côrte, recolheu-se ao remanso da sua quinta, no Alto Minho, e aí, onde na própria Natureza—harmónica e cantante, singela e suave—transparece a idealisação do mais puro e requintado lirismo, entrega o seu espirito á meditação e escreve aquêles versos que, cantados, *irmanaram os povos*.

Os seus amigos visitavam-no amiúdas vezes, mostrando-no-lo occupado na educação dos seus dois filhos, um dos quais morreu conjuntamente com 50 fidalgos portugueses no Tetuão, quando tentava bem servir a Pátria que parecia agonisante.

Com a morte do primogénito e da sua companheira, toda a sua felicidade doméstica fôra destruída. Vivia triste e dolorosamente. Caminhava para o ocaso da vida, e nos seus sonetos manifestava uma ideia comparável á inconstancia das coisas humanas, sobretudo á inferioridade do seu espirito para com a Natureza visto que esta se renovava todos os anos e aquêlle não. Invejava as sombras, as flôres, *a fruta verde e madura*, o cantar dos rouxincis e tudo o que fôsse belo! Lamentava-se por não ter cura, e os seus lamentos não eram mais do que toadas dolentes reboando atravez as serranilhas minhotas.

Além disto, o pungente abalo experimentado quando da morte prematura do príncipe D. João, filho do monarca do mesmo nome e seu amigo, que sob a emoção de tão grande perda, falecia tambem dois anos depois.

Viu-se só, e embora os seus admiradores o consolassem, não pôde resistir á solidão moral em que se viu, á quella solidão que lhe quebrantou o espirito e o fez succumbir em 1558. Não teve o gosto de vêr os efeitos da sua iniciação literária. Embora tivesse escrito coisas supremamente belas, tivesse vibrado ás emoções, sempre vividas, as suas obras ficaram inéditas até aos fins do século XVI e XIX, sendo recolhidas pela distinta professora da Universidade de Coimbra, a sr.^a D. Carolina de Michaelis que, baseando-se nos manuscritos enviados por Francisco de Sá ao príncipe D. João, aproveitou todos os elementos para a sua compilação.

L. C.

ENFIM...

Nos proximos dias 30 e 31 o nosso Orfeon vae representar 2 espectaculos no nosso Teatro D. Afonso Henriques.

Lembramos, a proposito, aos orfeonistas em geral, que com mais uns dias de *sacrificio* contribuam para o bom exito daquele grupo coral; este *sacrificio*, é claro, resume-se na sua assiduidade aos ensaios.

Coisas da minha terra

Por ser um assumpto que cabe bem á orientação do nosso jornal, e acharmos da maxima oportunidade, transcrevemos com a venia devida do nosso colega «Jornal das Taipas» o artigo seguinte, para o qual pedimos a atencão da Comissão Executiva da Camara:

«E' sempre extremamente honroso para uma terra o facto de ter dado ao mundo um homem sabio, artista, descobridor ou heroi. Os seus contemporaneos proclamam essa honra com acendrado amor e elevado orgulho.

Assim, a casa natal, rigorosamente localisada toma o caracter duma veneranda reliquia para os seus contemporaneos e posteriormente para os seus vindouros.

Nos estrangeiro essas casas são consideradas monumentos nacionais, sob a tutela das respectivas municipalidades. Em Inglaterra, a casa onde nasceu o grande escritor dramatico Shakspeare, foi transformada num grande museu; em Espanha, idem, a casa do poeta José Zorrilla; na Italia são piedosamente conservadas as casas onde nasceram Dante, Galileu e Verdi; na França, as casas onde nasceram Bonaparte, Victor Hugo e Joana d'Arc, teem uma placa ilucidativa de bronze e são consideradas pelas municipalidades respectivas.

Em Portugal temos tambem nas mesmas condições as casas onde nasceram Camões, Bôcage, João de Deus, Eça de Queiroz, Almeida Garret, Antonio Feliciano de Castilho, Vasco da Gama, Diogo Cão, padre José Agostinho de Macedo, Sá da Bandeira, Manuel Maria Barbosa de Bocage, Tomaz Antonio dos Santos Silva, Camilo Castelo Branco etc., etc., excepto em Guimarães que a casa onde nasceu o grande sabio Martins Sarmiento foi transformada numa imunda taverna onde se junta gente de reputação duvidosa, isto para gaudio da nossa patriótica municipalidade que não compreendeu que tratando de grandes homens, trata simplesmente de si mesma.

Ora bolas, senhores camaristas.

Guimarães, 15 | VI | 922.

JOSÉ FERREIRA.»

Alferes Bernardo de Castro

Foi colocado no Regimento de Infantaria 20 este nosso presado amigo, pelo que o felicitamos ardentemente.

Bernardo Castro tem em Guimarães muitos amigos, que o estimam, razão porque será bem recebida esta noticia.

?

Qual seria o motivo porque varios individuos a quem mandamos o nosso jornal, só o devolveram depois de receber o segundo numero?

E' triste e bem triste lidar com gente que não comprehende ou não quer comprehender o tremendo sacrificio que aqui estamos fazendo.

Convençam-se esses senhores que não estamos aqui para ganhar diuheiro, nem para alimentar vaidades, que as não temos; foi unicamente impulsionados pelo nosso sentimento patriotico, pelo nosso sentimento bairrista que nos lançamos nesta empreza, procurando deste modo fazer acordar as adormecidas energias, procurando deste modo para a nossa terra um futuro mais prospero, já que temos um passado e um presente que nos enche de vergonha.

Agradecendo

A toda a imprensa que ao nosso jornal se tem referido com palavras amaveis, os nossos sinceros agradecimentos, protestando-lhe a nossa melhor camaradagem

TIPOGRAFIA LUZITANA
DE
João Pereira da Costa
R. do Gravador Molarinho, 47
GUIMARÃES

Estabelecimento modelar onde com a maxima
brevidade se executam todas as obras
consenrentes á arte tipografica

Papellaria tabacos, commissões e seguros
companhia **ATLAS**.

Casa das Novidades

RIBEIRO, CASTRO & C.^{ta}

103, Rua da Republica, 105 A

GUIMARÃES

LIVRARIA, PAPELARIA, TABACARIA,
PERFUMARIAS E MIUDEZAS.

Artigos para escritorio.
Selos, letras e mais valores selados, Musicas para
Piano, Casa Editora de obras Catolicas, Medalhas,
Terços. Oleografias e outros artigos de piedade.

Barbearia Ideal

13—LARGO CONDESSA DO JUNCAL, 13—A
Guimarões

BENTO GOMES

◊◊ SERVIÇO ESMERADO ◊◊

CASA PENHORISTA
VIMARANENSE

Emprestimos sobre Valores

PEIXOTO, ROCHA & C.^a

Rua da República — GUIMARÃES

MERCEARIA

E

CONFETARIA



Q.26 Rua 31 de Janeiro, 28

Completo sortido de todos os artigos
referentes ao seu comercio

Representantes dos afamados vinhos da casa

RODRIGUES PINTO—Gaia

Vinhos Ferreirinha ao preço da tabela

NOVA PADARIA

Rua Elias Garcia, 63 — (Antiga de Santa Maria)

GUIMARÃES

DE

Luiza Candida Lemos Almeida

Fabrico de pão borôa, bijou e rosca. Pão ralado.

Ferreira & Martins, Limitada

86, Rua de Paio Galvão, 88

GUIMARÃES

Mercearia de 1.^a qualidade, vinhos finos
das melhores marcas, doces e bolachas Depositarios
dos Refrigerantes, Xaropes e Licores
do Bom Jesus de Braga.

Po Vimarane

Condições de assinatura

Condições de anuncios

Portugal e Hespanha, 1 ano, 4\$00
Semestre 2\$00
Trimestre 1\$00

Anuncios e comunicados, linha, \$25
Repelição \$15
Permanentes, contrato convencional.

Ex.^{mo} Sr.

Sociedade Martins Sarmento
Paio Galvão
Guim